

JOHN GRAY A ALMA DA MARIONETE

tradução de
CLÓVIS MARQUES

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

Sumário

1. A fé dos fantoches	9
A liberdade da marionete — A fé dos fantoches — A demiurgia e os manequins do alfaiate — Leopardi e a alma das máquinas — O retorno de Ligeia — O golem e as ruínas circulares — Solaris e nosso mundo — A revelação de Philip K. Dick — Entrando na Zona — O sr. Weston deixa cair um fósforo	
2. No teatro de marionetes	55
Terraços ajardinados, penas e sacrifício humano — Espelhos escuros, anjos ocultos e uma roda de orações algorítmica — Redundância humana e a economia do ciborgue — Uma montanha de ferro e um espetáculo cambiante — Um pan-óptico universal — Teatro de fantoches, conspirações e tabuleiros ouija — Quando a máquina para	
3. Liberdade para as Über-marionetes	103
O que a ciência não nos diz — Ética para fantoches — Gravidade e queda	
Agradecimentos	117
Notas	119

1. A fé dos fantoches

Nos primeiros séculos de nossa era, os gnósticos se opunham aos cristãos. Foram aniquilados, mas podemos imaginar sua possível vitória.¹

Jorge Luis Borges,
“Uma defesa de Basilides, o Falso”

A LIBERDADE DA MARIONETE

Um fantoche pode parecer a própria encarnação da falta de liberdade. Seja movido por uma mão oculta ou puxado por cordéis, não tem vontade própria. Seus movimentos são comandados pela vontade de outro — um ser humano que decidiu o que o fantoche fará. Totalmente controlado por uma mente fora dele, o fantoche não tem escolha em sua maneira de viver.

Seria uma situação insuportável, não fosse o fato de que um fantoche é um objeto inanimado. Para sentir falta de liberdade, é preciso ser um ser consciente. Mas um fantoche é um objeto de madeira e pano, um artefato humano sem sentimento nem consciência. Um fantoche não tem alma. Consequentemente, não tem como saber que não é livre.

Para Heinrich von Kleist, no entanto, os fantoches representavam um tipo de liberdade que jamais estaria ao alcance dos seres humanos. Em seu ensaio “O teatro de marionetes”, publicado em 1810, o escritor alemão leva

o narrador, perambulando por um parque da cidade, a encontrar “Herr C.”, que acaba de ser nomeado primeiro bailarino da Ópera. Vendo-o em diversas oportunidades em um teatro de marionetes montado na praça do mercado, o narrador manifesta surpresa pelo fato de um dançarino frequentar essas “pequenas burletas”.

Em resposta, Herr C. comenta que um dançarino pode ter muito a aprender com esses espetáculos. Pois tantas vezes não são os títeres — controlados do alto pelos titereiros — extremamente graciosos em seus movimentos de dança? Nenhum ser humano poderia se equiparar às marionetes em sua graça natural. O títere é:

incapaz de *afetação*. — Pois a afetação ocorre, como se sabe, sempre que a alma [...] se situa em um lugar que não seja o centro de gravidade de um movimento. Como o titereiro, manuseando os cordéis ou o fio, não tem outro ponto de apoio senão o que está sob seu controle, todos os outros membros são o que devem ser: inertes, meros pêndulos, e apenas obedecem à lei da gravidade; um excelente atributo que em vão procuraremos na maioria de nossos dançarinos [...] esses fantoches têm a vantagem de ser *resistentes à gravidade*. Do peso da matéria, o fator que mais atua contra o dançarino, são totalmente ignorantes: pois a força que os eleva no ar é maior que a que os prende ao solo [...]. As marionetes mal *tocam* o solo, feito elfos, a parada momentânea confere aos membros um novo ímpeto; mas nós o usamos para *repousar*, para nos recuperar do esforço da dança: um momento que evidentemente não é dança em si mesmo, com o qual nada podemos fazer, exceto superá-lo o mais rapidamente possível.

Quando o narrador reage com espanto a essas afirmações paradoxais, Herr C., “cheirando uma pitada de rapé”, observa que ele deveria ler “com atenção o terceiro capítulo do Gênesis”. O narrador entende a alusão: ele tem “perfeita consciência dos danos causados pela consciência à natural graça de um ser humano”. Mas ainda assim se mostra cético, e então Herr C. lhe conta a história de como enfrentou um urso. Bom esgrimista, ele seria capaz de trespassar com facilidade o coração de um ser humano; mas o animal se esquivava, aparentemente sem qualquer esforço:

Ora eu investia, ora simulava um ataque, já estava suando em bicas: tudo em vão! O urso não se limitava a se esquivar a todas as minhas investidas, como o melhor esgrimista do mundo; quando eu simulava um ataque — nenhum esgrimista seria capaz disso —, ele sequer reagia: olhando-me bem nos olhos, como se pudesse ver minha alma, ficava com a pata erguida, de prontidão, e, quando minhas investidas não eram sérias, ele nem se mexia.

Os seres humanos não são capazes de imitar a graça de um animal assim. Nem a fera, nem o fantoche, sofrem da maldição do pensamento autorreflexivo. Por isso, na visão de Kleist, é que são livres. Se os seres humanos um dia forem capazes de alcançar esse estado, será apenas depois de uma transmutação em que se tornem infinitamente mais conscientes:

assim como duas linhas que se cruzam em um ponto, depois de terem passado por uma infinidade, subitamente convergem de novo do outro lado, ou como a imagem em um espelho côncavo, depois de viajar na direção do infinito, de repente se aproxima de novo de nós, também, quando a consciência tiver por assim dizer passado por uma infinidade, a graça retornará; de tal maneira que a graça estará mais puramente presente na forma humana que não tiver consciência ou a tiver em um alcance infinito, vale dizer, em uma marionete ou em um deus.

O diálogo é concluído dessa maneira:

— Mas então — intervim, meio confuso — precisaríamos comer de novo da Árvore do Conhecimento para retornar ao estado de inocência?

— Certamente — respondeu ele —, é o capítulo final da história do mundo.²

O ensaio de Kleist foi um dos últimos textos escritos por ele. Nascido na casta militar prussiana em 1777, Kleist não tinha temperamento para qualquer tipo de carreira convencional. Pressionado pela família a entrar para o serviço público, ele se via antes como escritor, mas ainda lutava por produzir algo que o satisfizesse, viajando pela Europa, queimando o que escrevia. A certa

altura, aparentemente tendo desistido da luta, tentou entrar para o Exército de Napoleão, que se preparava para invadir a Inglaterra. Indubitavelmente um gênio, Kleist deixou sete peças, oito histórias extraordinárias e certo número de ensaios e cartas, podendo ter escrito um romance que teria destruído antes de se suicidar, em 1811. Com sua inquietação congênita, ele não foi capaz de encontrar seu lugar no mundo.

A partir de seus diálogos enigmáticos e intrigantes, o ensaio vai de encontro a tudo que a humanidade moderna pensa de si mesma. Como poderia um fantoche — um dispositivo mecânico sem o menor traço de consciência — ser mais livre que um ser humano? Não é exatamente essa consciência que nos distingue do resto do mundo e nos permite escolher nosso caminho na vida? Tal como apresentado por Kleist, contudo, o automatismo do fantoche está longe de ser uma condição de escravidão. Comparada à vida dos seres humanos, a vida da marionete mais se assemelha a um invejável estado de liberdade.

A ideia de que a autoconsciência possa ser um obstáculo a viver em liberdade não é nova. Há muito se suspeita que o modo habitual de consciência deixa os seres humanos presos entre os movimentos mecânicos da carne e a liberdade do espírito. Por isso é que, nas tradições místicas ao longo da história, a liberdade tem significado uma condição íntima na qual a consciência normal foi transcendida.

No pensamento moderno, liberdade não é muito mais que uma relação entre seres humanos. Nesse sentido, a liberdade pode assumir variadas formas. Existe a liberdade que consiste na ausência de obstáculos humanos para fazer o que se quer ou se pode vir a querer, às vezes chamada de liberdade negativa; o tipo que implica não apenas ausência de impedimentos, mas agir como agiria um ser humano racional; e a variedade que exercemos quando somos membros de uma comunidade ou de um Estado que determina como será governado. Para Kleist e outros que pensavam como ele, todavia, liberdade não é simplesmente uma relação entre seres humanos: é, acima de tudo, um estado da alma em que o conflito foi deixado para trás.

Na Europa antiga, os estoicos afirmavam que um escravo pode ser mais livre que um senhor sofrendo de divisão do eu. Na China, os taoistas imaginavam um tipo de sábio que reagisse ao fluxo dos acontecimentos sem

ponderar alternativas. Os discípulos das crenças monoteístas têm convicção semelhante: liberdade, segundo eles, é obedecer a Deus. O que mais querem os seguidores dessas tradições não é nenhum modo de liberdade de escolha. Pelo contrário, eles anseiam por se libertar *da* escolha.

Seria fácil deduzir que os que buscam essa liberdade desejam ser dominados por um tirano. Afinal, foi o que muitos seres humanos desejaram no passado e continuam a ansiar ainda hoje. Desejar liberdade de escolha pode ser um impulso universal, mas está longe de ser o mais forte. Não é apenas o fato de haver muitas coisas que os seres humanos desejam antes de querer essa liberdade — como alimentos para comer e um lugar para viver. Mais exatamente, se liberdade significa deixar que os outros vivam como quiserem, sempre haverá muitos que se sintam felizes sem liberdade.

Em contraste, aqueles que buscam a liberdade interior não se importam com o tipo de governo sob o qual vivem, desde que ele não os impeça de se voltar para dentro. Pode parecer uma atitude egoísta; mas faz sentido em uma época de instabilidade endêmica na qual não se pode esperar que os sistemas políticos durem. Uma dessas épocas foi a Antiguidade europeia, quando o cristianismo contestava filosofias greco-romanas e religiões misteriosas. Outra pode ser nossa atualidade, quando a crença nas soluções políticas perde força e uma religião renascente se sustenta com a fé predominante na ciência.

Na Antiguidade tardia, aceitava-se que a liberdade não era uma condição que pudesse prevalecer entre os seres humanos; o mundo era ingovernável. Certas correntes místicas da época iam mais longe: liberdade significava fugir do mundo. Quando Herr C. diz ao narrador que ele deveria ler o terceiro capítulo do Gênesis, Kleist está se referindo à mais radical dessas tradições: a religião do gnosticismo.

Na mitologia do Gênesis, Adão e Eva viviam no Jardim do Éden sem precisar trabalhar; mas foram tentados por uma serpente, prometendo que seriam como deuses se comessem a maçã proibida do conhecimento. Eles comeram a maçã. Tendo desobedecido a Deus, foram punidos com a obrigação de passar o resto da vida tendo de trabalhar.

Em uma leitura tradicional, comer a maçã foi o pecado original; na visão dos gnósticos, contudo, os dois ancestrais humanos estavam certos ao

comê-la. O Deus que determinou que não o fizessem não era o verdadeiro Deus, mas um demiurgo, um subalterno tirânico que se regozijava com o exercício do poder, ao passo que a serpente viera para libertá-los da escravidão. É verdade que Adão e Eva caíram em desgraça ao comer a maçã. Era na realidade a Queda do Homem — a queda no mundo turvo da consciência do cotidiano. Mas a Queda não precisa ser considerada definitiva. Tendo-se fartado na Árvore do Conhecimento, a humanidade pode ascender a um estado de inocência consciente. Quando isso acontecer, declara Herr C., será “o capítulo final da história do mundo”.

Herr C. invoca uma das exigências de liberdade mais intransigentes jamais feitas. Acreditando que os seres humanos eram criações falhas de um demiurgo — uma deidade maligna ou incompetente, e não o verdadeiro Deus que desapareceu do mundo —, os antigos gnósticos viam a experiência de escolher como confirmação de que os seres humanos são radicalmente imperfeitos. A verdadeira liberdade seria uma condição na qual não tivessem mais de enfrentar o fardo da escolha — uma condição que só poderia ser alcançada deixando para trás o mundo natural. Para esses visionários esquecidos, a liberdade era obtida tomando o céu de assalto num ato de violência metafísica.

Hoje em dia, muitas pessoas têm uma visão gnóstica do mundo sem se dar conta disso. Acreditando que os seres humanos podem ser plenamente entendidos pelos termos do materialismo científico, rejeitam qualquer ideia de livre-arbítrio. Mas não poderiam abrir mão da esperança de se assenhorear do próprio destino. Passaram então a acreditar que de algum modo a ciência permitirá à mente humana escapar das limitações que determinam sua condição natural. Em boa parte do mundo, e particularmente nos países ocidentais, a fé gnóstica de que o conhecimento pode proporcionar aos seres humanos uma liberdade fora do alcance de qualquer outra criatura tornou-se a religião predominante.

Se uma das marionetes de Kleist viesse a desenvolver autoconsciência, o gnosticismo seria sua religião. Nas versões mais ambiciosas do materialismo científico, os seres humanos *são* marionetes: fantoches presos a cordéis genéticos, que se tornaram autoconscientes por um acidente da evolução. Sem que o saibam aqueles que mais ardorosamente a professam,

seus mais audaciosos pensadores seculares são possuídos por uma versão da religião mística. No momento, o gnosticismo é a crença daqueles que se julgam máquinas.

A FÉ DOS FANTOCHES

Remontando muito longe, até o mundo antigo, reaparecendo em culturas totalmente separadas no espaço e no tempo, aflorando na religião, na filosofia e no ocultismo, exercendo modernamente uma poderosa influência na ciência e na política,³ o gnosticismo tem coexistido e competido com muitas outras maneiras de pensar, escondendo-se delas ou nelas se ocultando. Houve correntes gnósticas no judaísmo, no cristianismo e no islã, no zoroastrismo, no maniqueísmo, no mitraísmo e no orfismo, e as ideias gnósticas marcaram forte presença na filosofia grega por meio de alguns dos seguidores mais tardios de Platão.

As origens do gnosticismo não foram identificadas, mas ele parece ter surgido plenamente como visão de mundo mais ou menos na mesma época que o cristianismo. Como outros profetas judeus da época, Jesus pode ter sido influenciado por tradições zoroastrianas, que entendiam a vida humana como uma guerra entre o bem e o mal. O cristianismo — a religião conjurada pela vida de Jesus e pelas palavras de São Paulo — sempre conteve correntes gnósticas, embora estas viessem a ser condenadas como heresias que ameaçavam a autoridade da Igreja.

As ideias gnósticas estão longe de ser caracteristicamente modernas, mas se manifestaram em formas mais abertas com o Renascimento. Louvado pelos racionalistas como a época em que a civilização clássica veio a ser redescoberta, foi este o período em que a crença no mágico floresceu nos mais altos níveis do Estado. Alquimistas e videntes eram regularmente consultados na corte de Elizabeth, e mesmo quando as formas mais antigas de religião já eram abandonadas, novos tipos de magia se disseminavam. No século XVII, o astrólogo e astrônomo alemão Johannes Kepler, também matemático e místico, foi uma figura emblemática do Renascimento. Embora acreditasse em um cosmo governado por princípios de ordem e harmonia,

Kepler deu início a uma virada na direção de uma visão de mundo na qual as leis eventualmente existentes no universo eram mecânicas e destituídas de propósito. Outros cientistas do início da era moderna também se mostravam ambíguos. Isaac Newton foi o fundador da física moderna, embora também acreditasse na alquimia e na numerologia, e vasculhasse os livros apocalípticos da Bíblia em busca de significados ocultos. Sob muitos aspectos, a revolução científica foi um subproduto do misticismo e da magia. Na verdade, quando forem desvendadas as confusas origens da ciência moderna, cabe duvidar se será confirmada a existência de uma “revolução científica”.

O romancista e poeta Lawrence Durrell ofereceu uma versão moderna da visão gnóstica em uma série de romances, *O quinteto de Avignon* (1974-85). Akkad, um comerciante e banqueiro egípcio que também é um moderno gnóstico, prega para pequenos grupos de expatriados europeus. Às vezes gordo e largado, outras vezes parecendo ascético e magro, à vontade em quatro capitais e falando outras tantas línguas, algumas vezes usando roupas ocidentais, outras, trajes tradicionais, Akkad se oferece para juntar os fragmentos que sobraram do ensinamento gnóstico, que as religiões estabelecidas tinham tentado destruir:

a amarga verdade fundamental dos gnósticos: a terrível percepção de que o mundo do Bom Deus estava morto, e de que Ele fora substituído por um usurpador — um Deus do Mal [...]. A profunda percepção desta verdade e sua proclamação é que haviam levado os gnósticos a ser reprimidos, censurados, destruídos. A humanidade é demasiado frágil para enfrentar a verdade das coisas — mas, para qualquer um que enfrente a realidade da natureza e do processo com mente clara, a resposta é absolutamente inelutável: o Mal domina tudo.

Que tipo de Deus, pergunta-se o gnóstico, teria organizado as coisas tal como são — este mundo ruminante de morte e dissolução que alega ter um Salvador e uma fonte do bem em sua origem? Que tipo de Deus poderia ter construído essa máquina maléfica de destruição, de autoimolação? Só mesmo o espírito do sombrio e negativo pendor para a morte na natureza — o espírito do nada e da autoaniquilação. Um mundo em que somos alimento uns dos outros, presa uns dos outros...⁴

Vendo o mundo como uma obra do mal, os gnósticos propuseram uma nova visão da liberdade. Os seres humanos não eram mais parte de um esquema geral das coisas em que liberdade significava obediência à lei. Para serem livres, eles precisam se revoltar contra as leis que governam as coisas terrestres. Recusando as limitações do fato de serem uma criatura de carne, eles precisam deixar o mundo material.

Embora a ciência moderna pudesse parecer inóspita a essa visão gnóstica, o contrário é que se verificou. Tal como o entendemos hoje, o cosmo não é mais governado por leis que expressam um propósito abrangente — benignas ou não. Na verdade, o mundo em que vivemos pode nem ser um cosmo. As aparentes leis da natureza podem ser regularidades que não expressam nenhuma lei permanente, e, até onde sabemos, o universo pode ser essencialmente caótico. Mas o projeto de libertar o espírito do mundo material não desapareceu. O sonho de encontrar a liberdade pela rebelião contra a lei cósmica reapareceu na forma da crença de que os seres humanos, de algum modo, podem se tornar senhores da natureza.

O cristalógrafo J. D. Bernal (1901-71) ilustra bem a maneira como as ideias gnósticas permeiam a ciência moderna. A certa altura considerado um dos cientistas britânicos mais influentes, comunista de longa data e orgulhoso detentor do Prêmio Stalin da Paz, Bernal tinha a convicção de que uma sociedade cientificamente planejada estava sendo criada na União Soviética. Mas suas ambições iam além da reconstrução racional das instituições humanas. Ele estava convencido de que a ciência poderia promover na evolução uma virada graças à qual os seres humanos deixariam de ser organismos biológicos. Na descrição do historiador da ciência Philip Ball, o sonho de Bernal era que a sociedade humana fosse substituída por “uma Utopia de ciborgues pós-humanos com corpos maquinais criados por técnicas cirúrgicas”. Mas nem mesmo essa fantasia esgotava as ambições de Bernal. Mais adiante, no futuro, ele via “um apagamento da individualidade e da mortalidade” pelo qual os seres humanos deixariam de ser entidades físicas distintas.

Em um trecho de seu livro *The World, the Flesh and the Devil: An Enquiry into the Future of the Three Enemies of the Rational Soul* [O mundo, a carne e o diabo: uma investigação sobre o futuro dos três inimigos da

alma racional — em tradução livre], Bernal esclarece o que tem em mente: “A própria consciência poderia acabar ou desaparecer em uma humanidade que se tenha tornado completamente etérea, perdendo o organismo coeso, transformando-se em massas de átomos no espaço, comunicando-se pela radiação, e talvez, em última análise, transformando-se completamente em luz.”⁵

Bernal publicou seu livro em 1929, mas ideias muito parecidas com as suas são propagadas hoje em dia. Concepções semelhantes informam a visão que o futurologista Ray Kurzweil, diretor de engenharia da Google, tem da Singularidade: uma ampliação explosiva do conhecimento que permitirá aos seres humanos se emancipar do mundo material e deixar de ser organismos biológicos. O subtítulo do livro de Kurzweil, *The Singularity is Near* [A singularidade está próxima] é *When Humans Transcend Biology* [Quando os seres humanos transcendem a biologia],⁶ e embora as tecnologias envolvidas sejam diferentes — carregar informação cerebral no ciberespaço em vez de usar a cirurgia para construir um ciborgue —, a meta final de libertar a mente humana do confinamento na matéria é idêntica à de Bernal. As afinidades entre essas ideias e o gnosticismo são claras. Também aqui o pensamento secular é modelado por uma religião esquecida ou reprimida.

Seja antigo ou moderno, o gnosticismo gira em torno de dois artigos de fé.⁷ Primeiro, a convicção de que os seres humanos são centelhas de consciência confinadas no mundo material. Os gnósticos não negavam que existisse ordem no mundo; mas viam essa ordem como uma manifestação do mal, à qual se recusavam a se submeter. Para eles, o criador era na melhor das hipóteses um incompetente, negligente ou esquecido do mundo que havia moldado, e possivelmente senil, louco ou há muito morto; o mundo era governado por um demiurgo de menor importância, insubordinado e malévolo. Presos em um cosmo escuro, os seres humanos eram mantidos submissos por uma ignorância hipnótica de sua verdadeira situação. E aqui chegamos à segunda ideia formativa: os seres humanos podem escapar dessa escravidão adquirindo um tipo especial de conhecimento. *Gnose* é a palavra grega que designa conhecimento, e para os gnósticos o conhecimento é a chave da liberdade.